



AUTORES MEMORIALISTAS E SUAS NARRATIVAS SOBRE A CIDADE DE CAMPO GRANDE*

Maria Augusta de Castilho**

Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

m.a.castilho@terra.com.br

Nataniél Dal Moro***

Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

natanieldaloro@bol.com.br

RESUMO: Muito do que se conhece da história da “região sul de Mato Grosso” se deve aos escritos produzidos por autores memorialistas. Porém, nem sempre as documentações consultadas podem ser analisadas ou cotejadas com outras pelo fato de não existirem materialmente, pois são originárias de informações contidas na tradição oral das famílias pioneiras. Esses autores descreveram os seus antepassados como desbravadores e fundadores na ocupação desta região. Diante disso, o presente trabalho investiga como determinados textos produzidos por autores memorialistas contribuíram para edificar um passado glorioso sobre os pioneiros e os seus feitos.

PALAVRAS-CHAVE: Concepção de mundo – Autores memorialistas – Jornal impresso

* Esta pesquisa foi financiada pela CAPES. Para maiores detalhes, ver MORO, Nataniél Dal. **O pensar da elite sobre o povo comum:** espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70). 2012. 310 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012. f. 69-97. Nas referidas páginas constam também outros dados sobre a bibliografia e fontes trabalhadas.

** Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio pós-doutoral em Linguística pela USP. Atualmente é professora no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Desenvolvimento Local e no Curso de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

*** Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio pós-doutoral em História pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Atualmente realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

MEMORIALIST AUTHORS AND THEIR NARRATIVES ABOUT THE CITY OF CAMPO GRANDE

ABSTRACT: Much of what is known of the history of southern “region of Mato Grosso” is due to writings produced by memorialist authors. However, not always consulted documentation can be analyzed or collated with others, because of the fact that they don’t exist materially, since they are from information contained in the oral tradition of pioneering families. These authors describe their ancestors as pioneers and founders in the occupation of this region. That said, this work also investigates how certain documents produced by memorialist authors contributed to build a glorious past about pioneers and their achievements.

KEYWORDS: Conception of the world – Memorialist authors – Printed journal

AUTORES MEMORIALISTAS DEFENDENDO OS INTERESSES DO GRUPO AO QUAL PERTENCIAM

Os textos produzidos por autoridades públicas e privadas, além daqueles escritos notadamente por memorialistas, edificaram Campo Grande como a mais expressiva metrópole do oeste brasileiro. Retrataram-na como uma cidade que não conhecia limites e como uma urbe que tudo podia superar. De um “empório de gado” magro no final do século XIX e início do XX, a cidade se tornou, segundo o memorialista Paulo Coelho Machado,¹ a economia mais destacada do então sul do Estado de Mato Grosso, cuja porção sul do território passou a compor, em 1977, o Estado de Mato Grosso do Sul.²

Na documentação, há muitos exemplos desta forma de trabalho que glorificou a urbe. Seguramente tais adjetivações não são frutos do nada. Elas têm uma razão de ser

¹ MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Velha.** Campo Grande: TJMS, 1990, p. 79. V. 01.

² O autor também creditou parte considerável do desenvolvimento da cidade aos trilhos da estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB), pelos quais era vendido o gado e chegavam adventícios. Importante destacar que o território conhecido hoje pelo nome Estado de Mato Grosso do Sul (MS) era, antes de outubro de 1977, quando ocorreu a divisão territorial do Estado de Mato Grosso e a consequente criação de MS, denominado como sul de Mato Grosso. A porção norte permaneceu com a denominação Estado de Mato Grosso, tendo a cidade de Cuiabá como sua capital. A respeito da maior parte dos escritos produzidos pelos autores memorialistas, é fundamental informar que eles só passaram a existir, sendo veiculados de fato, depois da publicação, em 1941, do livro *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, de autoria de Nelson Werneck Sodré, conforme defendemos em nossa tese de doutoramento. Ver: MORO, Nataniél Dal. **O pensar da elite sobre o povo comum: espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70).** 2012. 310 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012. f. 30-45.

que reside, em grande proporção, em alardear o desenvolvimento econômico existente na Serra de Maracaju durante a primeira metade do século XX, em particular nos Campos da Vacaria, tendo a bovinocultura como principal produto, conforme afirmaram largamente todos os textos memorialistas e as produções oficiais consultadas, que buscaram, cada qual da sua forma, apresentar grandiosamente a cidade de Campo Grande e não menos também as áreas rurais e as condutas do “pioneiros” que ocuparam esta região desde a primeira metade do século XIX.

A ideia de uma urbe ou de um povoado sem feitos modernizantes, no entanto, apareceu de modo secundário, em especial nos textos dos memorialistas. Eles conjugaram esse presente – atrasado em relação a outros locais e cidades – como passado. Por meio das palavras trataram de edificar um presente em que tudo era moderno, seja no campo material, cultural ou no humano. Isso exemplifica a parcialidade das ações humanas e das fontes documentais com as quais o historiador dialoga.

O propósito maior desta ação era o de exaltar a cidade de Campo Grande e solidificá-la na memória das pessoas como uma urbe que tinha todos os requisitos para ser a capital de um Estado brasileiro. Para tanto, foi essencial o trabalho desenvolvido pelos autores memorialistas e também por alguns periódicos locais, que pode ser caracterizado como portador de uma história linear e narrativa, que retomavam nos seus textos as ideias defendidas sobre os “pioneiros” – era assim que eles largamente eles foram retratados – na formação da região e da cidade de Campo Grande.³ Essa produção foi extremamente relevante pelo fato de reavivar, com muita constância, a ideia de que a cidade era civilizada, moderna, ordeira e estava em constante progresso.

Nessa tarefa, adjetivações cunhadas no passado, muitas delas divulgadas na revista **Folha da Serra**, no decorrer dos anos 1930, eram literalmente transportadas para aquele presente, nesse caso o das décadas de 1960-70. Essa cidade pensada como

³ Cabe aqui destacar que a história linear analisa os dados e as provas pensando as fontes como informações neutras e imparciais, e produz a chamada “verdade histórica” documentalmente comprovada, chegando a construir, para não dizer inventar, histórias, afinal, as narrativas nem sempre possuem comprometimento com a verdade dos sujeitos que viveram a história. Fernand Braudel chamou esta forma textual de ucronia. As narrativas, de acordo com Eric Hobsbawm, servem, na maior parte das vezes, para produzir histórias, independente destas corresponderem com a realidade. Na prática, a narrativa positivista é utilizada então para elaborar um passado e uma história, mesmo que ela nunca tenha existido. Ver BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a história**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 334; e HOBBSAWM, Eric. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17-18.

moderna é muito nítida na documentação produzida por determinados autores. Consultando determinadas fontes, em especial textuais e imagéticas, sobre a urbe de Campo Grande chega-se a conclusão de que nesta cidade, justamente por causa deste enaltecimento ao progresso citadino, não havia pessoas pobres ou desguarnecidas do amparo civil e dos poderes públicos.

Pensando nessa perspectiva, Campo Grande era uma cidade territorializada por várias práticas sociais e, também, portadora de diversas culturas, embora muitas fontes não objetivassem mostrar essa realidade. Alguns sujeitos buscaram ocultar a existência destas pessoas comuns, já que estes não eram bem vistos para tal ambiente. Justamente por isso há fontes que não trataram diretamente do povo comum, das pessoas empobrecidas. Falam, por seu turno, muito mais das pessoas da elite, dando a mostrar o mundo e os valores destes sujeitos, ou pelo menos do que eles disseram que existia. As pessoas comuns, quando mencionadas, apareceram na condição de “tipo popular”, tal como se pode observar nos escritos de Ulisses Serra, Paulo Coelho Machado e Edson Carlos Contar.⁴

A literatura memorialista mostrou-as como sujeitos pitorescos e cômicos, impedindo assim de vê-los como sujeitos produtores de história. Quando o povo comum produziu história, foi considerado pelos autores destes materiais como “indivíduo” ou “elemento” “indesejável” que se opunha aos “homens de bem” da sociedade.⁵ Na cidade de Campo Grande, as pessoas comuns passaram a ser vistas como indesejáveis e contestadoras ao poder da elite, sobretudo a partir da década de 1960, em particular nas páginas de um periódico local: o jornal **Correio do Estado** (CE), que teve José Barbosa Rodrigues como proprietário e principal jornalista do impresso durante a maior parte da segunda metade do século XX.⁶

Essa publicação foi essencial para manter viva a ideia de que Campo Grande era, de fato, economicamente grandiosa em relação às demais municipalidades do Estado de Mato Grosso, tal qual já fazia a revista **Folha da Serra** na década de 1930, e

⁴ SERRA, Ulisses. **Camalotes e guavirais**. Campo Grande: TJMS, 1989; MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Principal**. Campo Grande: TJMS, 1991. V. 2; e CONTAR, Edson Carlos. **Das margens do Prosa ao bar do Zé**. Campo Grande: FUNCESP, 2002.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Nacional, 2001, p. 13; 23.

⁶ Em alguns momentos será utilizada a sigla **CE** para identificar tanto a empresa como o jornal **Correio do Estado**.

que ela podia ser a capital de uma Unidade Federativa do Brasil. O grande diferencial do **Correio do Estado**, no entanto, é que ele não se prestou apenas a isso. O periódico, para enaltecer a cidade, engajou-se em diversas campanhas em prol da urbe, dentre as quais pode-se destacar algumas, a saber: criação do Estado de Mato Grosso do Sul e manutenção de uma certa ordem no centro da cidade, em especial nas ruas, campanhas que passaram, neste caso, pela exaltação de um determinado passado e o apagamento ou minoração de outros passados e dos sujeitos que os fizeram.

ADJETIVAÇÕES GLORIOSAS DE UM DETERMINADO PASSADO SENDO USADAS EM UM DETERMINADO PRESENTE: O TRABALHO DE EXALTAR A CIDADE-SÍMBOLO DO DIVISIONISMO DE MATO GROSSO

A “causa divisionista” ou as “intenções separatistas” nem sempre tiveram Campo Grande como *locus* de suas ações. O monopólio exercido pela Companhia Matte Larangeira em fins do século XIX foi o fator expressivo e fomentou a chamada “causa divisionista” ou “causa separatista”.⁷ A Companhia Matte Larangeira, cujo sócio majoritário era o gaúcho Thomaz Larangeira, tinha, no início do século XX, aproximadamente 5 milhões de hectares de terras devolutas e utilizava alguns milhares de trabalhadores, sendo a maioria índios paraguaios, muitos dos quais em regime de semi-escravidão. Esse regime de trabalho possibilitou a prática de certas atrocidades, sobretudo da Companhia frente aos ervateiros ou mineiros, que eram inicialmente posseiros e, depois de expropriados da terra, tornaram-se trabalhadores dos ervais. Nos anos 30, a justiça em benefício da Matte Larangeira imperava.

Nesse período, a área da Matte tinha diminuído, mas ainda era expressiva: possuía 2 milhões de hectares, muitos deles localizados em terras dos Campos da Vacaria. Devido a esse monopólio, muitas pessoas, em particular migrantes, começaram a ter atritos com as autoridades da Matte, no sentido de que outros rumos políticos-institucionais fossem seguidos. Pode-se afirmar que de 1892 a 1920 tem-se então a primeira fase do “movimento” divisionista, no qual ocorreram “manifestações”. Já da década de 1920 até o ano de 1932 observa-se uma segunda fase, isto é, a do chamado

⁷ BITTAR, Marisa. **Geopolítica e separatismo na elevação de Campo Grande a capital**. Campo Grande: UFMS, 1999, p. 24-28.

“ideal divisionista”, que possui um “movimento organizado” pró-divisão do Estado de Mato Grosso.⁸

Na primeira fase do “movimento” divisionista ainda não havia um “movimento organizado” pró-divisão do Estado de Mato Grosso, mas sim líderes locais do sul de MT, tais como Jango Mascarenhas, João Caetano Teixeira Muzzi, João Barros Cassal e Bento Xavier, que se posicionavam contra a política adotada pelo norte para com o sul do Estado de Mato Grosso. O “guasca belicoso” Bento Xavier, conforme relato de Ulisses Serra, invadiu na madrugada do dia 12 de junho de 1911 a cidade de “Campo Grande, comandando uma força de cerca de trezentos homens”.⁹

Esses líderes estavam descontentes com as ações empreendidas pelo norte, pois entendiam que as mesmas não ajudavam o sul na proporção que o mesmo merecia, tendo em vista que favoreciam em maior escala a Companhia Matte Larangeira e, em contrapartida, desfavoreciam, chegando até a impedir pela força das armas, a entrada e a instalação de pessoas vindas de outras plagas, assim como os gaúchos saídos do Estado do Rio Grande do Sul em razão da Revolução Federalista ocorrida entre os anos de 1893-95.

Mario Lima Beck afirmou que a porção norte de Mato Grosso fazia descaso para com os cerca de 50 mil sul-rio-grandenses que viviam no sul do Estado na década de 1930.¹⁰ “A gente do norte e centro de Matto Grosso, nunca viu com bons olhos o povoamento do sul, pelos filhos de outros estados”.¹¹ Entre

[...] os que chegavam e os defensores do monopólio estabeleceu-se, então, um ambiente de lutas pela posse de terras. Nascia assim a semente da causa divisionista pois foi no bojo das contendas contra os privilégios da Matte, que emergiram, pela primeira vez, sentimentos separatistas, embora essa bandeira não fosse demanda de todos os conflitos armados de então.¹²

Além disso, posteriormente a esse período ocorreram outras e significativas configurações, cada qual tendo interferido na “causa divisionista”. Nas décadas posteriores a de 1910, por exemplo, as “manifestações divisionistas” ganharam espaço e

⁸ Ibid., p. 26-28; 65; 133-134.

⁹ SERRA, Ulisses. **Camalotes e guavirais**. Campo Grande: TJMS, 1989, p. 37.

¹⁰ BECK, Mario Lima. **Nova querência**. Chronica das emigrações riograndenses para Matto Grosso. Porto Alegre: Selbach, 1935, p. 30.

¹¹ Ibid., p. 44.

¹² BITTAR, Marisa. **Geopolítica e separatismo na elevação de Campo Grande a capital**. Campo Grande: UFMS, 1999, p. 27.

abarcaram novos adeptos, tendo, inclusive, novas motivações, sendo em parte influenciadas pelo Tenentismo do final da República dos Coronéis e pela Revolução Constitucionalista de 1932, na qual uma parte da elite campo-grandense apoiou o Estado de São Paulo. Ambos foram vencidos pelo governo federal. O sul de Mato Grosso e, em particular, Campo Grande perderam duplamente, já que o norte, leia-se Cuiabá, estava do lado de Vargas.

“Até 1932 não havia propriamente um movimento divisionista no sul de Mato Grosso uno. Ideias, desejos, manifestações esporádicas, sim; luta organizada para dividir, não”.¹³ Do ano de 1932 em diante essa situação foi profundamente alterada, tanto que de julho a outubro de 32 a cidade de Campo Grande foi sede de um governo paralelo ao existente em Cuiabá. “Nos anos 20, e, especialmente depois de 1932, a situação começou a se alterar e Campo Grande arrebatou definitivamente a liderança política do sul do estado”.¹⁴

A partir de 1932 tem-se, então, um ponto-chave no processo divisionista, no qual Campo Grande passou a ser a cidade desse movimento e o referido movimento assumiu “pela primeira vez um projeto público (no sentido de seu deslocamento da lógica das lutas armadas de grupos oligárquicos do passado).” Prova disso é a criação e a elaboração de textos por parte dos integrantes da Liga Sul-Mato-Grossense, tendo como principal objetivo o de criar no sul de MT uma nova Unidade Federativa do Brasil. Contudo, na década de 1940 parte da elite do sul de Mato Grosso ainda cogitava tornar Campo Grande a capital de MT, retirando esse título da municipalidade de Cuiabá.¹⁵

É com base nessa realidade social que a urbe de Campo Grande foi representada, em inúmeras oportunidades, mas sobretudo a partir de 1932, como sendo uma cidade melhor do que a de Cuiabá. Esse progresso que alguns sujeitos diziam que havia, no entanto, não impediu que a região mato-grossense como um todo e a própria cidade de Campo Grande fossem representadas fartamente como um local onde

¹³ BITTAR, Marisa. **Geopolítica e separatismo na elevação de Campo Grande a capital**. Campo Grande: UFMS, 1999, p. 50-51.

¹⁴ Ibid., p. 51.

¹⁵ Ibid., p. 65-73.

imperava a barbárie. Pensou-se Mato Grosso, de acordo com o relato de Rubim, como um “paraíso do crime”.¹⁶

Nas primeiras décadas do século XX, as representações veiculadas no litoral sobre Mato Grosso eram muito pouco elogiosas à região. Com o intuito de reverter essa forma de pensamento foi publicada, em 1914, a obra **Album graphico do Estado de Mato Grosso**. O objetivo maior era o de fazer com que o referido **Album** servisse como “o melhor cartão de visitas que Mato Grosso poderia apresentar às nações civilizadas.” Mesmo assim, a situação não foi alterada. Depois de tanta labuta, Mato Grosso continuou a não causar “boa impressão.” Apesar de todos os esforços empenhados na sua propaganda”, informa-nos Maciel, “o Estado ainda era associado ao atraso e ao abandono, resultante da inexistência dos principais motores do desenvolvimento: braços e estradas”.¹⁷

No Preâmbulo do livro **Reservas de brasilidade**, publicado no final da década de 1930, o autor Rezende Rubim procurou dismantlar essa forma de pensamento sobre a região oeste do Brasil (entenda-se Amazonas, Pará, Goiás e Mato Grosso), pois, segundo Rubim, algumas pessoas, e o autor menciona que eram desinformadas, tinham “a coragem de afirmar de quem nunca viu com o espírito despido de idéias apriorísticas.” Ao fazerem afirmações sobre esse Brasil pouco conhecido pelos sujeitos do litoral, os tais sujeitos desinformados acabavam por criar uma “fantasia desmedida, sempre para pior” do oeste do Brasil.¹⁸

Na maior parte das vezes, sobretudo por parte dos viajantes, foi sim a “fantasia desmedida” que predominou sobre toda e qualquer forma de conceber o Estado de Mato Grosso, em particular até as primeiras décadas do século XX. As representações existentes sobre Mato Grosso nas principais cidades do Brasil, por volta do início do século XX, segundo Maciel, “não era das melhores. Grande, remoto, é assim que o estado aparecia aos olhos das populações paulista e carioca através dos jornais”.¹⁹

Cotejando escritos locais, quase sempre elogiosos, com as análises de pessoas de fora do lugar, na sua maior parte das vezes ligadas ao Estado de São Paulo, pode-se

¹⁶ RUBIM, Rezende. **Reservas de brasilidade**. São Paulo: Nacional, 1939, p. 14.

¹⁷ MACIEL, Laura Antunes. **A capital de Mato Grosso**. 1992. 174 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1992, f. 100; 108.

¹⁸ RUBIM, Rezende. **Reservas de brasilidade**. São Paulo: Nacional, 1939, p. 14.

¹⁹ MACIEL, 1992, op. cit. p. 100.

mensurar gradações da expressividade, ou não, das edificações citadinas, uma vez que os escritores da terra tenderam a exaltar os feitos, minorando as limitações civilizatórias existentes, como fizeram a maior parte dos escritos publicados nas revistas **Ouro Verde** e, mais ainda, no caso da publicação **Folha da Serra**, extremamente ufanista e defensora de Campo Grande e áreas próximas.

Luiz Amaral, que se dispôs a observar o “progresso” local num período de dois dias, ficou surpreso com a cidade de Campo Grande e sua evolução. Segundo Amaral, as pessoas que emigravam para a urbe também ajudaram a edificar o progresso agrícola da região, como no caso dos 2 mil imigrantes japoneses que foram relatados por Amaral, ainda na década de 1920. Nas suas palavras: “Não tem ainda quatorze anos a cidade, mas apresenta aspectos admiráveis. Ampla, muito bem traçada, ruas muito largas e muito retas, com duas ordens de postes para a iluminação elétrica, abundantíssima. Comércio intenso, população operosa”.²⁰ Esse relato do ambiente urbano aproxima-se muito das adjetivações mencionadas por articulistas locais da revista **Folha da Serra**, como Arlindo de Andrade. Contudo, nem todos os viajantes ou visitantes que estiveram em Campo Grande propagaram as mesmas impressões sobre o espaço urbano-citadino.²¹

Hermano Ribeiro da Silva, filho do sertanista Antônio José Ribeiro da Silva, chegou em Campo Grande no mês de julho de 1930 e permaneceu até o início de setembro, vindo da região dos ervais, ao sul do Estado de Mato Grosso, área ainda controlada pela Companhia Matte Larangeira nessa época.²² Depois de uma passagem pelas terras da Matte, que abrangia também plagas paraguaias, Silva constatou, ao falar com trabalhadores do local, que a Matte Larangeira, para atuar em áreas tão vastas tal qual fazia, tinha recebido “concessões inexplicáveis” do poder público estadual durante vários mandatos. Em contrapartida, esse processo vitimou “antigos e pobres posseiros pacíficos, que se desalojaram dos ranchos por ações sumárias e brutais”.²³ Muitos deles,

²⁰ AMARAL, Luiz. **A mais linda viagem**: um “raid” de vinte mil quilômetros pelo interior brasileiro. São Paulo/ Cayeiras/ Rio de Janeiro: Melhoramentos de São Paulo, 1927, p. 11-13.

²¹ ANDRADE, Arlindo de. A maior cidade. **Revista Folha da Serra**, Campo Grande, ano IV, n. 40, p. 30, ago. 1936.

²² SILVA, Hermano Ribeiro da. **Garimpos do Mato Grosso**. Viagens ao sul do Estado e ao lendário Rio das Garças. Rio de Janeiro: Saraiva, 1954, p. 9; 20.

²³ *Ibid.*, p. 55.

certamente, foram para os núcleos urbanos mais próximos, dentre os quais estava Campo Grande.

Já na urbe de Campo Grande, região não mais dos ervais, mas sim da indústria pastoril, que são os Campos da Vacaria, Hermano Ribeiro da Silva deparou-se com uma cidade repleta de pessoas de outras plagas, dentre as quais estavam muitos adventícios do Estado de São Paulo. Silva mencionou que havia uma “[...] crise que atualmente assoberba o Estado de São Paulo, daí chegam a cada momento repetidas levas de desempregados a procura de colocação e de serviço”. Essa crise, pelo que tudo indica, trata-se da crise da economia cafeeira do final dos anos 20 e começo dos anos 30. Devido a grande quantidade de desempregados, as hospedarias e os hotéis, sempre muito simples, estavam todos lotados de “pessoas humildes”. O mesmo ocorreu com os leitos da Santa Casa de Campo Grande.²⁴

Hermano Ribeiro da Silva estava em viagem pelo sul de Mato Grosso com outros dois amigos, também sertanistas. Um deles, no entanto, adoeceu na região dos ervais, tendo febre que lhe causava até alucinações.²⁵ Por causa disso, tiveram de buscar ajuda médica mais especializada em Campo Grande, nesse período já concebida como uma “cidade prodigiosa, que se criou e se desenvolveu milagrosamente no espaço de diminutos anos, atestando um progresso vertiginoso, talvez nunca dantes realizado em qualquer ponto do país.” Para Silva, havia na cidade outros e mais caros estabelecimentos de hotelaria, porém, os recursos financeiros que dispunham não lhes permitiu ficar nesses locais. Até a melhora do amigo e companheiro de viagem passaram-se alguns dias e, então, nesse intervalo de tempo, Silva tomou conhecimento da cidade. Segundo suas impressões:

Campo Grande assemelha-se a Bauru na fisionomia da área ocupada e na forma da arquitetura, contendo diversas largas avenidas pavimentadas com asfalto bruto, possuindo prédios bonitos e modernizados. [...] Enfim Campo Grande deslumbra e cativa o viajante desprevenido, que vem topá-la à semelhança de um oásis plantado no meio do intérmino deserto mato-grossense, como que afirmando a força miraculosa da civilização, fecunda nas distâncias perdidas dos trilhos da Estrada Noroeste do Brasil.²⁶

²⁴ SILVA, Hermano Ribeiro da. **Garimpos do Mato Grosso**. Viagens ao sul do Estado e ao lendário Rio das Garças. Rio de Janeiro: Saraiva, 1954, p. 61.

²⁵ Ibid., p. 60.

²⁶ Ibid., p. 61-62.

O viajante Rezende Rubim, que esteve em Campo Grande também nos anos 30, deixou igualmente valiosas observações a respeito da modernidade citadina. Elas nos ajudam a contrabalancear as afirmações dos escritores da terra que diziam ser Campo Grande uma “Cidade Gigante Modernizada”.²⁷ Nesta época, a cidade de Campo Grande, então já com cerca de 15 mil habitantes na zona urbana, foi pensada por Rubim como um espaço que aglutinava vários elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma cidade moderna.

Campo Grande já é uma cidade importante; núcleo de convergência de diversos municípios próximos. A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo algumas calçadas a Mac-Adam. Possui um jardim muito gracioso e residências de primeira ordem. Nada fica a dever as modernas cidades paulistas do ciclo do café.²⁸

Embora outras cidades tivessem sido pontuadas pelos escritos de Rubim, a modernidade citadina de Campo Grande recebeu as observações menos controversas e mais diplomáticas do viajante, pois, de modo geral, as observações de Rubim tinham sempre uma contradição inerente. Ao mesmo tempo em que externavam o progresso e o desenvolvimento de algo, também diziam que o mesmo objeto representava um desprogresso e uma falta de desenvolvimento. No que tange à modernidade citadina de Campo Grande, essa conduta não foi tão forte. Mesmo assim, Rubim teceu algumas críticas à cidade e ao jeito de agir dos sujeitos que nela residiam, em particular os militares.

O campo-grandense sente-se naturalmente orgulhoso do seu progresso, sem perceber, todavia, que grande parte dele lhe vem da vizinhança com Maracaju, Bela Vista, Nioaque, Aquidauana e Ponta Porã. [...] Não queremos dizer com isso que Campo Grande não tenha vida própria; a cidade já possui elementos bastantes para esperar do futuro uma situação invejável. [...] A região campo-grandense, aliás como toda essa parte do sul do Estado, é cosmopolita. Quase todo o contingente humano é nascido em outras plagas. Para tanto concorre a facilidade de acesso por intermédio de S. Paulo, o Estado por excelência colonizador. Além disso as fronteiras próximas, principalmente a do Paraguai, contribuem muito para que o sul do Estado seja, como é, uma região onde o elemento de fora esteja sempre em maioria.²⁹

²⁷ CAMPO GRANDE, cidade gigante modernizada. **Revista Ouro Verde** – Revista Ilustrada de São Paulo e Mato Grosso, n. 23, ago. 1936, p. 99.

²⁸ RUBIM, Rezende. **Reservas de brasilidade**. São Paulo: Nacional, 1939, p. 125.

²⁹ *Ibid.*, p. 125-127.

Rubim, mesmo tendo criticado alguns aspectos da cidade de Campo Grande, foi mais comedido ao tecer comentários sobre tal modernidade cidadina. O viajante em questão não colocou em cheque o progresso da cidade, tanto é que chegou a compará-lo com o das “modernas cidades paulistas do ciclo do café.” De acordo com o relato do viajante Rubim, publicado em livro no ano de 1939, “Campo Grande é o centro de união do povo do sul e traduz em toda a sua inquietação os seus anseios de grandeza.” Ainda segundo Rubim: “A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo algumas calçadas a Mac-Adam. Possui um jardim muito gracioso e residências de primeira ordem. Nada fica a dever às modernas cidades paulistas do ciclo do café”.³⁰

O escritor Monteiro Lobato, que na década de 1940 visitou Campo Grande, considerou-a não como uma “cidade de fim de civilização, de beira-sertão, como o viajante logicamente é levado a supor. É cidade de começo de civilização, é a coisa mais reconfortadora que em tais alturas alguém possa esperar”.³¹ Nos anos 40, o Município de Campo Grande tinha 54 mil habitantes, sendo que 24 mil residiam na zona urbana da cidade. Lobato atentou-se também para a significativa presença de “estrangeiros” no lugar. Para ele, Campo Grande tinha a potencialidade de ser a “futura São Paulo de Mato Grosso” devido às mentalidades e ambições trazidas ao lugar pelos migrantes e imigrantes que aí aportavam, provenientes de todos os lugares do mundo. “São Paulo é o que é por ser um atracadouro do pau rodado universal. Nova York é o maior centro de pau rodado do mundo inteiro. Campo Grande é também toda ela pau rodado”.³²

Essa presença variada de pessoas e culturas ajudou a produzir na cidade uma gama diversificada de arquiteturas e modernidades que passaram a ser vistas pela sociedade local como superiores às das demais cidades do Estado de Mato Grosso. Essa interpretação, no entanto, conflitou não apenas com as observações feitas pelo viajante Rezende Rubim, nos anos 30, mas também por outros observadores, já na década de 1950.

Em viagem pela região sul de Mato Grosso no mês de agosto de 1955, o fotógrafo Gilberto Ferrez registrou no seu **Diário de viagem...** uma impressão pouco elogiosa à cidade de Campo Grande. Uma parte considerável dos visitantes, ao contrário

³⁰ RUBIM, Rezende. **Reservas de brasilidade**. São Paulo: Nacional, 1939, p. 146.

³¹ LOBATO, Monteiro. **Mundo da lua e Miscelânea**. São Paulo: Brasiliense, 1951, p. 245.

³² Ibid., p. 244-245.

da maioria das opiniões da população local e dos impressos citadinos produzidos por grupos da elite, como a revista **Folha da Serra** e o periódico **Correio do Estado**, achou a cidade feia, acanhada, muito poeirenta e materialmente pouco desenvolvida. Ao sobrevoar Campo Grande, Ferrez disse que a urbe era uma “cidade importante com ruas largas, muito compridas, asfaltadas e arborizadas, progressista e que do alto parece bem bonita.” Quando aterrissou e foi conhecer a cidade mais de perto, reviu sua primeira impressão. Disse que a cidade era “nova” e que não havia “nada de interesse arquitetural há não ser a Matriz”. Nesse caso, Ferrez referia-se ao templo religioso da Igreja Católica.³³

Esse tipo de relato, assim como parte dos anteriores, evidencia o quanto limitada, ou no mínimo contraditória na análise dos depoentes, era a modernidade e o progresso de Campo Grande frente a outras cidades do Brasil, particularmente das localizadas fora do território do Estado de Mato Grosso, uma vez que o parâmetro de análise dos visitantes tinha como base as cidades do leste brasileiro. Por outro lado, no espaço territorial compreendido por Mato Grosso, a modernidade e o progresso existentes em Campo Grande eram constantemente retratados como superiores aos das demais cidades desta Unidade Federativa. Utilizando-se dessa situação, alguns periódicos locais e textos de memorialistas passaram, de modo mais enfático a partir da década de 1930, em particular devido questões políticas do separatismo/divisionismo, antes destacadas, a enaltecere a cidade Campo Grande, dotando-a de adjetivações muito enobrecedoras.

Em 1919, Rosário Congro denominou a cidade de Campo Grande como a “Pérola do Sul”.³⁴ Também no final da década de 1910, Valério de Almeida afirmou que a cidade de Campo Grande era “a maior célula de progresso de Mato Grosso, com fama jamais espalhada em todo o Oeste brasileiro” e que ela representava “o empório de 18 municípios meridionais do Estado”.³⁵

³³ FERREZ, Gilberto. Diário de viagem de Gilberto Ferrez a Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia, Paraguai e Bolívia, em agosto de 1955. Diário integrante da exposição **Família Ferrez: novas revelações**: de 26 de março a 23 de maio de 2010, Galeria Olido, São Paulo, SP. [S.I.], 2010. 1 folder. Apoio Prefeitura de São Paulo, Cultura e Fazer Arte. Coordenação geral: Júlia Peregrino. Curadoria: Júlia Peregrino e Pedro Karp Vasquez. Consultoria técnica: Helena Dodd Ferrez.

³⁴ CONGRO, Rosário. **O Município de Campo Grande**. Campo Grande: IHGMS, 2003, p. 23.

³⁵ ALMEIDA, Valério de. **Campo Grande de outrora**. Campo Grande: Letra Livre, 2003, p. 24-25.

O progresso citadino também foi exaltado em quase todas as páginas da revista **Folha da Serra**. Alguns dos articulistas, como no caso de Arlindo de Andrade, elencaram os elementos que, no seu entender, tornavam objetivamente Campo Grande superior às demais cidades. Andrade, aberto defensor da causa divisionista, entendia que os meios físico e moral nela existentes, portanto, a geografia e a população locais, transformaram Campo Grande na “maior cidade de Mato Grosso”.³⁶

O Município de Campo Grande, que em 1936 tinha ao todo 23.400 habitantes, contava, nessa época, com várias escolas, construções modernas, casas comerciais, estrada de ferro e instalações militares. Tudo isso, no entanto, não existia sem os fatores físico e moral. No campo natural prevalecia, para Arlindo de Andrade, a “terra roxa”, que era uma “terra de produz tudo”. Essa mesma terra, por sua vez, tinha um “povo que ama” o lugar em que está e, com isso, o mesmo “povo” enriquece e se entusiasma em “ver a cidade subir”: “estes nortistas sadios e valentes começam roceiros e vão acabando fazendeiros, coronéis, homens da cidade”.³⁷

Políticos sulistas, porém de forma muito contida, e a elite cidadina pró-divisão alardeavam que em Campo Grande havia mais desenvolvimento, mais educação formal, melhores condições infra-estruturais, mais progresso, mais zelo pelas coisas públicas e privadas. Em suma, queriam, com isso, dizer que a capital política de Mato Grosso tinha que ser Campo Grande e não Cuiabá. Nessa lógica, o norte era representado por grande parte da elite do sul de Mato Grosso como um lugar no qual ainda predominava a economia extrativista e a de extração de metais preciosos do século XVIII, enquanto que o sul produzia sua riqueza com base no trabalho humano. Nesse sentido, o povo do sul de Mato Grosso era mais laborador do que o povo do norte.³⁸

Ademais, externou-se que o norte era sinônimo de “atraso” e o sul de “progresso”, já que o sul tinha, desde 1914, ligação férrea com o leste do Brasil; contava com uma indústria pastoril forte; possuía melhores meios de comunicação do que os existentes no norte do Estado e, em razão disso tudo, era visto, via-se e representava-se como um lugar em ascensão, enquanto que o norte era externado como um lugar

³⁶ ANDRADE, Arlindo de. A maior cidade. **Revista Folha da Serra**, Campo Grande, ano IV, n. 40, ago. 1936, p. 30.

³⁷ Ibid., p. 31.

³⁸ Essa mensagem foi divulgada inclusive na década de 1960, em particular nas obras de Emílio Garcia Barbosa. Nas próximas notas algumas das obras do autor Barbosa serão mencionadas.

decadente. Até mesmo porque o sul de Mato Grosso estava muito mais próximo do leste (São Paulo e Rio de Janeiro) do que Cuiabá. Para se ter uma ideia dessa ligação basta repetir o que escreveu Arlindo de Andrade Gomes, no início da década de 1920: “A correspondência do Rio de Janeiro leva quatro dias a Campo Grande; a de Cuiabá, em média, dez dias”.³⁹

No final da década de 1930 e início da de 1940, o tempo gasto para transportar mercadorias para Cuiabá continuava a ser um problema. De acordo com Freitas, na “época da seca, as embarcações chegavam a demorar 15 dias para aportar em Cuiabá e os vôos vinham em intervalos de cinco dias, levando dez dias para chegar ao destino final: Cuiabá”.⁴⁰ Alguns números também ajudaram a reforçar essa concepção da realidade: a de que o sul era economicamente mais importante do que o norte.

Segundo Emílio Garcia Barbosa, mais de 2/3 do total da arrecadação de Mato Grosso vinha do sul do Estado, entretanto, o mesmo não usufruía de tais contribuições, pois dizia-se, e esse era o pensar de boa parte das elites do sul, que a maior parte dos recursos ficava no norte, sobretudo na cidade de Cuiabá.⁴¹ Nessa linha de pensamento formou-se e difundiu-se a afirmação de que, grosso modo, enquanto o pessoal do sul servia para trabalhar, o pessoal do norte servia para gastar. Não faltavam também afirmações de que Campo Grande possuía a economia mais significativa de todo o Estado de Mato Grosso, bem como que no sul do Estado estavam as cidades economicamente mais importantes e com maior quantidade de habitantes, tais como: Aquidauana, Corumbá, Dourados, Miranda, Nioaque, Ponta Porã e Três Lagoas.

Nos anos 30, com a derrota paulista, os mato-grossenses do sul e os campo-grandenses, em particular, também foram prejudicados. Isto pelo fato de o sul ter se posicionado constitucionalista, enquanto o norte ficou legalista. Almeida escreveu a respeito da Campo Grande dos anos 20 e a dos anos 30. Por meio do seu relato é possível perceber de forma flagrante a alteração desencadeada pela Revolução

³⁹ GOMES, Arlindo de Andrade. **O Município de Campo Grande em 1922**. Campo Grande: IHGMS, 2004, p. 94.

⁴⁰ FREITAS, Maria Auxiliadora de. **Transformações e permanências: imagens e trajetórias urbanas em Cuiabá**. 1995. 160 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1995, f. 70.

⁴¹ BARBOSA, Emílio Garcia. **Esboço histórico e divagações sobre Campo Grande**. Campo Grande: Pindorama, 1964; BARBOSA, Emílio Garcia. **Os Barbosas em Mato Grosso**. Campo Grande: Correio do Estado, 1961, p. 56.

Constitucionalista de 1932 na cidade de Campo Grande, em especial no trato com a coisa pública.

O relato de Almeida externou que

Campo Grande se orgulha em ter um dos cemitérios mais bem organizados do Estado. Cheia de pompa e esfuziante alegria foi a inauguração do jardim público [...]. As iniciativas e realizações do governo do Dr. Arlindo de Andrade marcaram em definitivo a fase de ressurgimento da cidade, inclusive o seu Código de Posturas [...]. Se a sua administração não tivesse sofrido falta de continuidade, com a revolução de 1930, Campo Grande seria a Ribeirão Preto de Mato Grosso.⁴²

Com base no relato de Almeida, que era jornalista, fica então perceptível que a conduta política da elite sulista em relação ao governo de Vargas produziu retaliações ao viver citadino de Campo Grande. Afinal, a política administrativa de Arlindo de Andrade, nesse caso a modernização citadina, foi interrompida.⁴³ Contudo, os relatos que dizem que Campo Grande “sofria” em razão de ações políticas eram amainados com a externalização de adjetivos louváveis ao progresso dessa comuna. O próprio Almeida deixou isso bem claro em outro de seus escritos. Para ele, na década de 1930, Campo Grande tinha um “furioso desenvolvimento material, só concebível às cidades paulistas influenciadas pela cultura do café”. Além disso, externou que a mesma era “o empório de 18 municípios meridionais do Estado”.⁴⁴

No início da década de 1940 foi a vez do próprio presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, explicitar o quão expressiva era a realidade econômica de Campo Grande. Em 1941, Vargas afirmou que ela era a “Capital Econômica de Mato Grosso”, tendo em vista que possuía “arrecadação tributária maior do que cinco capitais de Estado – Cuiabá, Natal, Terezina, Goiânia e Florianópolis”.⁴⁵ No final desta década, José de Melo e Silva disse que Campo Grande era a “Rosa de Amambá” e, em 1949, Almeida chamou-a de “Rosa de Maracaju”.⁴⁶ Nos anos 50 do século XX, os viajantes e pesquisadores Aroldo de Azevedo e Pierre Deffontaines disseram que a agitação de

⁴² ALMEIDA, Valério de. **Campo Grande de outrora**. Campo Grande: Letra Livre, 2003, p. 22.

⁴³ Na cidade de Cuiabá ocorreu processo no mínimo diverso do de Campo Grande, em particular no período do Estado Novo (1937-1945).

⁴⁴ ALMEIDA, 2003, op.cit. p. 24-25.

⁴⁵ MARTINS, Demóstenes. **Campo Grande, aspectos jurídicos e políticos do Município**. Campo Grande, Academia de Letras e História de Campo Grande: Alvorada, n. 1, 1972, p. 123.

⁴⁶ MELO E SILVA, José de. **Canaã do Oeste: sul de Mato Grosso**. Campo Grande: TJMS, 1989, p. 85; e ALMEIDA, 2003. op. cit., p. 11.

Campo Grande “faz-nos pensar nas movimentadas cidades do Oeste paulista”.⁴⁷ Parte dessa movimentação era calcada, sem dúvida, na base econômica do sul de Mato Grosso e de Campo Grande, qual seja, a pecuária extensiva existente na Serra de Maracaju, em especial a dos Campos da Vacaria.

Ainda na década de 1950, Campo Grande passou a ser a municipalidade mais populosa de Mato Grosso, superando Cuiabá, que era a capital política e administrativa. Em meados da década de 1950 já era a cidade que tinha o maior número de operários industriais do Estado, superando Corumbá. Em 1940 existiam 49.629 mil pessoas na municipalidade de Campo Grande, enquanto Cuiabá possuía 54.394 mil sujeitos. No início dos anos 50, a população de Cuiabá era de 56.204 mil indivíduos e a de Campo Grande tinha alcançado o número de 57.033 mil pessoas.⁴⁸ Outro fator que corroborou para firmar a ideia de que Campo Grande era uma municipalidade cujo centro urbano tinha, de fato, expressivo valor material e simbólico, era a percentagem da população total residindo no que se chama “quadro urbano”. Enquanto Cuiabá tinha 13.891 mil indivíduos habitando na área urbana, Campo Grande possuía 16.915 mil pessoas.⁴⁹

A classe dirigente de Campo Grande, composta nessa época por banqueiros, comerciantes, diretoria dos ferroviários, militares de altas patentes, profissionais liberais, religiosos e, sobretudo, por pecuaristas, frequentava a região circunscrita basicamente pelo espaço das Avenidas Mato Grosso e Calógeras e das Ruas 26 de Agosto e Pedro Celestino. Nesse espaço havia a maior parte dos estabelecimentos públicos da cidade e também das residências da elite cidadina. A Rua 14 de Julho, por sua vez, aglutinou grande parte das “estruturas microsociais da urbanidade” de Campo Grande, que era composta por bares, cafeterias, clubes, comitês políticos, escritórios, restaurantes, dentre outros locais.⁵⁰

Essa afirmação se sustenta, no mínimo, por três motivos em particular: livros de memórias, crônicas sociais da cidade e licitações abertas pelo poder público. A Avenida Calógeras e a Rua 14 de Julho – esta última a principal artéria comercial e de

⁴⁷ AZEVEDO, Aroldo de; DEFFONTAINES, Pierre. Paisagens de Mato-Grosso. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 24, p. 100, out. 1956.

⁴⁸ FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo Demográfico**: Estado de Mato Grosso – 1950. Rio de Janeiro: IBGE, 1956, p. 16.

⁴⁹ FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo Demográfico**: Estado de Mato Grosso – 1940. Rio de Janeiro: IBGE, 1952, p. 123.

⁵⁰ A expressão consta em CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 288.

negócios da cidade desde o final da década de 1910 – eram locais de grande fluxo humano e de mercadorias. Abrigavam casas comerciais que vendiam produtos dos mais variados preços e qualidades, procedentes de inúmeros países e regiões do Brasil.

A Avenida Calógeras concentrou parte significativa dos estabelecimentos comerciais da urbe, muitos deles destinados a suprir as necessidades da atividade pecuária. Contudo, a Rua 14 de Julho era a que, quantitativamente, mais concentrava pontos comerciais. Os informes publicados em revistas de pequena circulação, porém para um público específico – pessoas abastadas – tornavam pública a existência cidadina de estabelecimentos destinados a comercializar determinados produtos e serviços como também serviam para difundir o nome de profissionais liberais que atuavam na cidade e na região sul de Mato Grosso, notadamente advogados, médicos, engenheiros agrônomos e, ainda, construtores. As publicidades foram feitas nas revistas **Folha da Serra** e **Ouro Verde**.⁵¹ Nesses impressos, fica nítida a predominância de estabelecimentos sediados na Rua 14 de Julho, principal via de comércio e trânsito da cidade.

A estrutura da cidade de Campo Grande também diferia em muito da existente em Cuiabá. Campo Grande tinha traçado ortogonal desde o início do século XX. Era, à época, exemplo de estrutura urbana modernizada, pois facilitava o deslocamento de produtos e de pessoas pelo sítio urbano. Já em Cuiabá, as “[...] ruas lembram a sua criação que remonta ao estilo colonial português (manoelino), popularmente conhecido como barroco. Casas coladas umas as outras, ruas estreitas, feitas com o propósito de transformar as moradias em fortificações, para proteger os colonizadores do inimigo hostil”.⁵²

⁵¹ Cf. **Folha da Serra**, Campo Grande, n. 39, ago. 1935; **Folha da Serra**, Campo Grande, n. 40, ago. 1936; **Folha da Serra**, Campo Grande, n. 41-42, ago./set. 1937. No final dos anos 1940, o impresso **Guia Matogrossense** seguiu uma política já utilizada anos antes pelas revistas **Folha da Serra** e **Ouro Verde**. O **Guia...** divulgou a existência de estabelecimentos comerciais à sociedade, contudo, a quantidade de informes era extremamente elevada. Mais de 80% do livreto compunha-se de propagandas. Ver: LIMA, Aristides. (Dir.). **Guia Matogrossense**, Campo Grande, Rui Barbosa, ano 1, n. 1, ago. 1948; **Folha da Serra**, Campo Grande, n. 39, ago. 1935; **Folha da Serra**, Campo Grande, n. 40, ago. 1936; **Folha da Serra**, Campo Grande, n. 41-42, ago./set. 1937; e **Revista Ouro Verde** – Revista Ilustrada de São Paulo e Mato Grosso, n. 23, ago., p. 99. 1936.

⁵² FREITAS, Maria Auxiliadora de. **Transformações e permanências: imagens e trajetórias urbanas em Cuiabá**. 1995. 160 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1995, f. 113.

Na cidade de Campo Grande a situação era outra. Nas representações formuladas pela elite local, chegou-se até a re-afirmar via imprensa local e regional o que o presidente Vargas tinha dito anos antes, isto é, que Campo Grande era a “Capital Econômica de Mato Grosso”.⁵³

O traçado ortogonal foi efetivamente consolidado na urbe ainda no início do século XX, tendo em vista que no ano de 1909 foi elaborada a Planta da Cidade de Campo Grande, de autoria do agrônomo Nilo Javari Barém.⁵⁴ Algumas construções chegaram até a ser destruídas para viabilizar a re-ordenação do espaço urbano e, sobretudo, público da cidade.⁵⁵ A Avenida Afonso Pena foi fartamente alardeada, principalmente na década de 1970, como “a mais bela avenida do Estado de Mato Grosso”. A arborização nela existente (canteiros centrais e laterais), com cerca de 7 quarteirões, parte datada do princípio da década de 1920 e que foi levada a feito pelo então intendente municipal Arlindo de Andrade Gomes, considerado o Pereira “Passos desta terra, pois com ele desapareceram velhos pardieiros e surgiram as obras mais notáveis em prol do saneamento da cidade e quiçá do seu urbanismo”,⁵⁶ também é mencionada como obra digna de relevo e indicativo do trabalho da elite local em modernizar o referido espaço.

O ritmo de desenvolvimento de Campo Grande era comparado em diversos escritos como semelhante àquele das cidades tidas como mais “desenvolvidas” do oeste do Estado de São Paulo, como Bauru, Marília e Ribeirão Preto. Aliás, são inúmeras as representações que colocaram Campo Grande em um patamar de cidade civilizada, desenvolvida e ligada com o mundo do progresso, sobretudo o do leste do Brasil. Representações essas que fizeram com que o sujeito ou o espaço por ele ocupado, nesse caso a cidade de Campo Grande, fosse “percebida” como “distinta”. De acordo com

⁵³ É importante mencionar que essa afirmação já tinha sido feita ainda na década de 1930 por Arlindo de Andrade Gomes em texto publicado na revista **Folha da Serra**, Cf.: ANDRADE, Arlindo de. A maior cidade. **Revista Folha da Serra**, Campo Grande, ano IV, n. 40, p. 30-31, ago. 1936, no qual o autor denominou-se apenas Arlindo de Andrade. Nunca é demais lembrar que as vias públicas mais distantes do centro da cidade ou as que estavam fora dos interesses da elite em nada eram modernizadas, ao contrário, deve-se frisar que havia sim muita pobreza material e de infra-estrutura na cidade de Campo Grande. MORO, Nataniél Dal. **Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)**. 2007. 365 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007.

⁵⁴ CONGRO, Rosário. **O Município de Campo Grande**. Campo Grande: IHGMS, 2003, p. 41.

⁵⁵ SERRA, Ulisses. **Camalotes e guavirais**. Campo Grande: TJMS, 1989, p. 25.

⁵⁶ ALMEIDA, Valério de. **Campo Grande de outrora**. Campo Grande: Letra Livre, 2003, p. 21.

Pierre Bourdieu, o “mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto”.⁵⁷

Um dos escritos do autor memorialista Emílio Garcia Barbosa exemplifica precisamente, ao mencionar alguns adjetivos, essa questão. Para ele, a cidade de Campo Grande e sua região tinham um “padrão de terra forte, vermelha ou roxa”.⁵⁸ Mas a cidade recebeu de Barbosa também inúmeros outros cognomes, sempre muito elogiosos: “Canaã”, “Cidade Vermelha”, “Terra Roxa”, “Cidade Morena” e “Morena Metrôpole”. As afirmações de que Campo Grande “nunca parou” de crescer e de que era o “maior centro de progresso e de adiantamento do Estado” também estão na obra desse memorialista.⁵⁹

As representações veiculadas pelo jornal **Correio do Estado** sobre Campo Grande foram, em geral, muito edificantes à cidade. Conferiram para ela o *status* de uma localidade cosmopolita, gerando até mesmo um entendimento social na coletividade de que a cidade era a materialização do pensar da elite local e da atividade econômica calcada na pecuária. Por meio desses textos, que falaram da cidade, pode-se ter uma ideia bastante aproximada de como pensava uma parte da elite local e não propriamente de como era cidade. Observemos então o conteúdo de algumas dessas representações propagadas pelo **Correio do Estado** e a mensagem que as mesmas passaram a respeito da urbe.

As adjetivações feitas pelo **Correio do Estado** à cidade e ao seu passado não demonstravam em quase nada que no outrora esse local tinha sido, no início do século XX e até décadas depois, representado como inculto e atrasado frente às cidades do litoral brasileiro. O periódico fez questão de mostrar nos textos que tratavam do “progresso citadino” a face civilizada, desenvolvida e moderna da cidade Campo Grande. Para edificar na memória da sociedade essa forma de pensar a concretude histórica, as representações valorativas sobre Campo Grande eram constantemente ditas e reditas nas páginas do impresso, sempre de uma forma pedagógica. Nesse não findar das representações valorativas reside, no mínimo, um duplo propósito: enaltecer a

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 112.

⁵⁸ BARBOSA, Emílio Garcia. **Esboço histórico e divagações sobre Campo Grande**. Campo Grande: Pindorama, 1964, p. 12; 33; 44; 48; 53.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 50; 57.

cidade e esmaecer o quanto mais fosse possível a forma de pensar que alardeava ser Campo Grande um lugar de pouco progresso material e cultural, assim como alguns sujeitos do litoral do Brasil tinham propagado durante décadas em seus veículos de comunicação, fazendo com que fosse criada uma ideia que de a “barbárie” imperava no Estado de Mato Grosso.⁶⁰

Essas representações são inúmeras e, justamente por isso, contribuem grandemente para que se possa entender um pouco mais qual era a mensagem que esse veículo de informação quis passar para os seus leitores e para a sociedade em geral, inclusive para engajar outros sujeitos no movimento divisionista, que teve a instituição **Correio do Estado** como um campo de referência. Nesse bojo apareceram as seguintes representações: Campo Grande sendo pensada como a “cidade das primaveras” e como a “cidade soberana da Serra de Maracaju”, região de grande importância econômica do Estado de Mato Grosso, sobretudo pela fertilidade das terras e pela qualidade do gado ali criado que, em grande parte, era vendido para os Estados de São Paulo e de Minas Gerais. Dos valores auferidos com a venda do gado conseguia-se fazer com que a cidade progredisse.⁶¹

No final da década de 1950 Campo Grande foi representada, no **Correio do Estado**, como sendo um espaço que estava no “além-Paraná”, porém, não deixava de ser uma cidade dinâmica e arrojada. A cidade de Campo Grande também foi pensada como uma urbe de “renome internacional”, em parte, pelo fato de ser a cidade que mais crescia no oeste do Brasil. Essa cidade que crescia em ritmo extraordinário era o “fruto de muitos anos de labor coletivo.” Trabalho esse que a tornou “cidade rica e importante” e, portanto, diferiu-a da maior parte do território de Mato Grosso.⁶²

Na segunda metade da década de 1960 Campo Grande foi pensada pelo **Correio do Estado** como uma “cidade rica e importante” que era a “flor miraculosa de

⁶⁰ GALETTI, Lyliá da Silva Guedes. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. 2000. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

⁶¹ VAMOS LIMPAR a cidade? **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 1, 17 jan. 1963; IMPRESSÕES DE uma visita a Campo Grande, **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 41, 26 ago. 1966.

⁶² FALTA DE transportes dificulta a ação da polícia. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 2, 26 jul. 1966; NOVAS AGÊNCIAS bancárias. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 4, 16 fev. 1960; FERNANDO E a Usina do Mimoso. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 3, 30 mar. 1960; ESTÁ CAMPO Grande entre 50 municípios de maior arrecadação no país. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 1, 23 dez. 1960; A CIDADE quer silêncio noturno! **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 5, 27 dez. 1961 e FALTA DE transportes dificulta a ação da polícia. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 2, 26 jul. 1966.

Mato Grosso”. Na educação ela era a “Capital do Ensino em Mato Grosso” e no campo da construção civil ela apareceu como sendo o centro de uma “Selva de Cimento Armado”.⁶³ Para exemplificar, construções prediais eram feitas, estudos foram viabilizados em outros locais do mundo e melhorias de diversas ordens foram empreendidas em várias partes da cidade. Ao mesmo tempo, o impresso sempre publicou imagens desses feitos, como que procurando comprovar que a realidade era tal qual as palavras afirmavam que ela o era.

No final da década de 1960 a cidade de Campo Grande tinha, assim noticiou o **Correio do Estado**, a construção mais alta em concreto armado de Mato Grosso, situada à Rua 13 de Maio: era o Edifício do Hotel Campo Grande, com quase 20 andares. De acordo com o **Correio do Estado**, o ritmo de construção era formidável: a cada 2 meses eram concretadas 3 lajes. O arremate ficou por conta da seguinte frase: “É uma prova eloqüente da força realizadora da gente que aqui trabalha e que tem na pessoa do sr. Laucídio Coelho, um verdadeiro exemplo empresarial da terra que tanto amamos”.⁶⁴

Esses posicionamentos emitidos via imprensa, embora nem sempre correspondentes com a realidade ou portadores de um elevado grau de subjetividade, mostram a não-neutralidade e a parcialidade praticadas pelo **Correio do Estado**, que era nos anos da década de 1960 um órgão publicitário de grande abrangência no universo estadual, pois sua distribuição alcançava todas as cidades do sul de Mato Grosso e as principais da região norte do Estado, incluindo a cidade de Cuiabá, na época capital política e administrativa de Mato Grosso.

Nesse trabalho de adjetivar a realidade cidadina, o periódico mostrou algumas das suas partidarizações sociais. Essas, por sua vez, revelam que o **Correio do Estado** era uma “força ativa” desta sociedade, atuando não somente como partido político, mas sobretudo como partido ideológico, e portanto não como um reflexo ou manifestação do

⁶³ FALTA DE transportes dificulta a ação da polícia. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 2, 26 jul. 1966; PEDRA FUNDAMENTAL do Condomínio “Edifício Terruta” será lançada hoje: crescendo com Campo Grande, progredindo com Mato Grosso! **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 4, 8 out. 1966; ARBORIZAÇÃO É necessária mas está errada. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 1, 28 maio 1968; e CRIAÇÃO DE porcos na zona urbana. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 3, 3 ago. 1968.

⁶⁴ NA ÚLTIMA laje o Hotel Campo Grande. **Correio do Estado**, Campo Grande, p. 3, 18 jun. 1968.

mundo social, pois a imprensa é, ela própria, constituída e também constituidora do social, e não apenas derivação deste.⁶⁵

Deve-se notar que Campo Grande era, sempre, melhor do que tudo o que havia dentro do Estado de Mato Grosso, mas também não se pode deixar de mencionar que dificilmente era melhor do que as coisas que existiam fora desse espaço. Portanto, a cidade de Campo Grande constituiu-se em elemento-símbolo do movimento pró-divisão de Mato Grosso. Um indício desse trabalho de divulgação dessas representações a respeito da cidade de Campo Grande, muitas das quais faziam pouco ou nenhum sentido, pois, de fato, não correspondiam ao mundo concreto, estavam mais para o campo da fantasia do que para a realidade material, entretanto, foram veiculadas pelo **Correio do Estado** no decorrer de muitos anos e em distintos momentos.

ARTIGO RECEBIDO EM 22/06/14. PARECER DADO EM 10/10/14



www.revistafenix.pro.br

⁶⁵ Justamente por causa dessa postura do impresso, e que foi constante no decorrer de décadas, em especial nas de 1960-70, deve-se ressaltar que esse periódico não foi apenas um partido político, mas sim um partido ideológico na acepção gramsciana do termo, em específico pela sua atuação na defesa dos interesses de alguns grupos citadinos, mais detidamente no caso dos comerciantes que trabalhavam no centro da cidade de Campo Grande. Sobre a distinção entre partido político e partido ideológico, ver GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 1975, p. 1352-1353, v. 2.